

**REFLEXÕES SOBRE A MÍSTICA EM DOM HELDER PESSOA  
CAMARA**

REFLECTIONS ON MYSTICISM IN MONS. HELDER PESSOA CAMARA

RIFLESSIONI SULLA MISTICA IN MONS. HELDER PESSOA CAMARA

*Lucy da Silva Pina Neta\**

*Luiz Carlos Luz Marques\*\**

**RESUMO**

Helder Pessoa Camara, uma das figuras mais emblemáticas da Igreja Católica no século XX, foi um homem profundamente enraizado em uma mística pessoal que moldou sua atuação pública. Desde jovem, cultivou uma intensa experiência espiritual, refletida em sua busca pela santidade como expressão autêntica de comunhão com Deus, distinta da busca pela glória dos altares. Sua trajetória abrangeu momentos cruciais da história da Igreja e do Brasil, atuando como sacerdote, bispo e arcebispo em diferentes estados brasileiros. Helder viveu a transição de uma Igreja tridentina para um período de abertura e compromisso social, destacando-se por sua defesa dos pobres e sua influência em debates éticos e políticos. Apesar de frequentemente ser reconhecido como profeta, ele nunca se definiu como tal, preferindo uma abordagem humilde e discreta em sua comunicação e em suas escolhas pastorais. Sua mística se uniu a uma capacidade singular de transmitir mensagens universais, sem atribuí-las diretamente a Deus, mas sempre em consonância com a justiça e a solidariedade. Helder Camara é lembrado não apenas como um líder religioso, mas como um homem profundamente comprometido com seu tempo, cuja espiritualidade e ação seguem inspirando gerações. O presente ensaio, com o uso do “paradigma indiciário” proposto por Carlo Ginzburg, pretende apenas abrir um novo caminho de pesquisa e interpretação de sua imensa documentação.

**Palavras-chave:** Paradigma indiciário; Ginzburg; Misticismo; Profetismo.

---

\* Doutora em Ciências da Religião (2002), pelo PPGCR da UNICAP. Professora do IF Sertão. E-mail: [lucypina1608@gmail.com](mailto:lucypina1608@gmail.com).

\*\* Doutor em História Religiosa (1998), pela Universidade de Bologna, Itália. Professor do PPGCR da UNICAP. E-mail: [luiz.marques@unicap.br](mailto:luiz.marques@unicap.br).

## SOMMARIO

Helder Pessoa Camara, una delle figure più emblematiche della Chiesa cattolica del XX secolo, è stato un uomo profondamente radicato in una mistica personale che ha plasmato la sua performance pubblica. Fin da giovane coltivò un'intensa esperienza spirituale, che si rifletteva nella ricerca della santità come espressione autentica della comunione con Dio, distinta dalla ricerca della gloria degli altari. La sua carriera ha attraversato momenti cruciali della storia della Chiesa e del Brasile, lavorando come sacerdote, vescovo e arcivescovo in diversi Stati brasiliani. Helder ha vissuto la transizione da una Chiesa tridentina a un periodo di apertura e impegno sociale, distinguendosi per la sua difesa dei poveri e la sua influenza nei dibattiti etici e politici. Pur essendo spesso riconosciuto come un profeta, non si è mai definito tale, preferendo un approccio umile e discreto nella comunicazione e nelle scelte pastorali. La sua mistica si univa a una capacità unica di trasmettere messaggi universali, senza attribuirli direttamente a Dio, ma sempre in linea con la giustizia e la solidarietà. Helder Camara è ricordato non solo come un leader religioso, ma come un uomo profondamente impegnato nel suo tempo, la cui spiritualità e le cui azioni continuano a ispirare le generazioni. Questo saggio, utilizzando il "paradigma indiziario" proposto da Carlo Ginzburg, vuole semplicemente aprire un nuovo modo di ricercare e interpretare la sua immensa documentazione.

**Parole chiave:** Paradigma indiziario; Ginzburg; Mistica; Profetismo.

## SUMMARY

Helder Pessoa Camara, one of the most emblematic figures of the Catholic Church in the 20th century, was a man deeply rooted in a personal mystique that shaped his public performance. From a young age, he cultivated an intense spiritual experience, reflected in his search for holiness as an authentic expression of communion with God, distinct from the quest for the glory of the altars. His career spanned crucial moments in the history of the Church and Brazil, working as a priest, bishop and archbishop in different Brazilian states. Helder lived through the transition from a Tridentine Church to a period of openness and social commitment, standing out for his defence of the poor and his influence in ethical and political debates. Although he was often recognised as a prophet, he never defined himself as such, preferring a humble and discreet approach in his communication and pastoral choices. His mystique was combined with a unique ability to convey universal messages, without attributing them directly to God, but always in line with justice and solidarity. Helder Camara is remembered not only as a religious leader, but as a man deeply committed to his time, whose spirituality and actions continue to inspire generations. This essay, using the "evidential paradigm" proposed by Carlo Ginzburg, simply aims to open up a new way of researching and interpreting his immense documentation.

**Keywords:** Evidential Paradigm; Ginzburg; Mysticism; Prophetism.

## 1. INTRODUÇÃO

Falar de Helder Camara como místico requereu, da parte dos autores, um esforço novo no sentido de apresentar uma figura pública contemporânea cuja vida vem sendo, sistematicamente, nas últimas décadas, escrita, descrita e reescrita, a fim de

transformá-lo em um modelo para a cristandade<sup>1</sup>. O esforço consistiu em centrar a tarefa em uma análise puramente científica, para superar aspectos que possam turvar a interpretação de quem foi o homem histórico Helder Pessoa Camara (1909-1999), para além daquilo que sua imagem ou a imagem criada sobre ele possam despertar. Para muitas gerações de brasileiros, o “Padrezinho”, “O Dom”, “Dom Helder” dispensava apresentações formais. Hoje, passados apenas 25 anos de sua morte, não é mais assim. Como apresentá-lo, então? Há muitos caminhos possíveis, e algumas vertentes sustentam que a melhor forma de fazê-lo seja através de uma espécie de “modelagem hagiográfica”, isto é, a reconstrução de sua biografia através de modelos de santos, de profetas e de místicos que as tradições cristãs do Oriente e do Ocidente foram construindo, no primeiro milênio da era cristã e que a Igreja romana, no segundo milênio consagrou. Atualmente, nos tempos sucessivos a 2007, com o advento dos smartphones e a explosão da Web, recortam-se falas, trechos de manuscritos e fotos descontextualizadas e os colocam, não só, mas – especialmente – nas redes sociais, esquecendo-se que os textos e as imagens possuem historicidade e refletem momentos sociais e pessoais. A simples transposição desses recortes cria a imagem não de um homem no seu tempo, mas de um mito, uma lenda. Esse não é o caminho que procuramos percorrer neste texto.

A vasta coleção de documentos que Helder produziu durante a vida e que foi sistematicamente organizada, tanto por ele quanto pelas pessoas a quem ele confiou sua preservação, é a principal fonte que serve de base para este capítulo. O método científico aplicado aos documentos aqui usados é o do paradigma indiciário, estruturado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Dessa forma, cria-se um campo de análise que permite responder a duas perguntas básicas: a primeira, terá sido Dom Helder um místico do século XX? E, a segunda, se o foi, quais detalhes de seus documentos ou de sua biografia podem apontar um caminho de estudo?

---

<sup>1</sup> Os autores participaram desse esforço, por longos anos, primeiro como pesquisadores e organizadores de arquivos relacionados a ele e finalmente, como membros da Comissão Histórica do processo arquiocesano da Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus, aberta em 2015 e hoje em análise na Congregação para a Causa dos Santos, em Roma. Da mesma Comissão participaram o Prof. Dr. José Oscar Beozzo, do Cehila-Brasil e a Profa. Dra. Silvia Scatena, da Universidade de Reggio-Emilia e da Fondazione per le scienze religiose Giovanni XXIII, FSCIRE, de Bolonha, Itália. Mas eles não são responsáveis pelas opiniões aqui colocadas.

## 2. DEFINIÇÕES DE MISTICISMO

A escolha do paradigma indiciário, de Ginsburg, torna-se pertinente porque permite aos pesquisadores propor nova linha de investigação, por meio da releitura, seguida de nova análise, de fontes já conhecidas. Ao questionar o que estava posto numa primeira análise a respeito de um determinado conjunto de documentos-pistas, os pesquisadores não pretendem invalidar ou diminuir os trabalhos já realizados, mas, ao contrário, buscam, com a nova investigação, detalhes que foram negligenciados, ora por falta de atenção, ora porque aquele não era o foco da primeira análise. Para que o leitor possa acompanhar de forma ativa a tarefa que se pretende realizar, na sequência, será feita uma descrição minuciosa das partes que compuseram o nosso processo analítico. O leitor sempre poderá voltar a elas, caso tenha alguma dúvida sobre o andamento do processo e sua respectiva conclusão.

Para fins didáticos e de organização do pensamento, escolhemos fazer a análise dos aspectos relacionados à mística em Dom Helder Camara e que, adiantamos desde já, nos permitem afirmar que ele foi um místico. A análise que se opera neste artigo usa o seguinte *modus operandi*: partimos de conceitos denotativos dos termos “misticismo”, “místico” e “mistério”; em seguida, apresentamos um pequeno, mas significativo, documento de próprio punho de Dom Helder Camara, escrito no ano de 1943 e cujo teor acreditamos ser um dos mais representativos para ilustrar aspectos da sua relação com Deus e, pela sua originalidade e antiguidade, um ponto de partida essencial para se estudar aquilo que se pode depreender de seus documentos pessoais, neste sentido. Sustentamos aqui que essa análise e interpretação ancoram-se na documentação que se pode recuperar e analisar, considerando ainda que a essência da relação entre Deus – de quem parte a iniciativa – e de Dom Helder – que a recebe como DOM – sempre nos escapará e que, portanto, toda análise será “necessariamente, múltipla, finita, limitada e imperfeita” (para citar parte de uma estrofe do primeiro movimento da “Sinfonia dos Dois Mundos”, escrita por ele nos anos sucessivos o Concílio Vaticano II<sup>2</sup>).

Para apontar um místico, uma mística, a tradição cristã, tanto a das Igrejas do Oriente quanto a das do Ocidente, busca sinais na vida e nos escritos de seus membros que

---

<sup>2</sup> A respeito da Sinfonia dos Dois Mundos, sugerimos a leitura de Silva, 2018.

consideram mais avançados no caminho da santidade, sejam mulheres ou homens. Há 126 anos atrás o teólogo anglicano inglês William Ralph Inge (1860-1954), professor em Oxford e Deão da Catedral de São Paulo, em seu livro *Christian Mysticism* (Inge, 1899), organizou em 26 “descrições”, os sinais presentes na vida e nos escritos dos que deviam ser reconhecidos como místicos autênticos, destacando que vidas ou escritos eram, muitas delas, em radical oposição entre si. O título e o conteúdo de seu segundo livro sobre o tema, *Light, Life and Love* (Inge, 1904), é, também, significativo e transmite o que passaremos a definir como um místico, alguém que, em sua vida de união com o divino, é luz e exemplo de amor<sup>3</sup>.

Lembremos que Helder Pessoa Camara, de seu nascimento em 1909 à morte em 1999, foi fiel à doutrina e ao *habitus* da tradição cristã em que foi batizado, a da Igreja católica apostólica romana. Mas valem, também para ele, as palavras do teólogo anglicano acima citado, William Ralph Inge, que usamos exatamente para mostrar que a identificação do místico transcende a tradição da Igreja católica, em que Dom Helder nasceu, foi educado e dentro da qual foi chamado por Deus para esta experiência profunda de comunhão com Ele.

As palavras “místico”, “misticismo” e “mistério” estão relacionadas ao adjetivo grego *mystikos*, que é traduzido em português como “escondido”, “secreto”. Segundo o verbete do *Dicionário Cambridge do Cristianismo*, sobre o assunto, escrito por J. A. Wiseman, OSB (CDC, 2010, p. 849-851), podemos dizer que o misticismo é todo o conjunto de crenças e práticas decorrentes de uma convicção sobre, e mais ou menos intensiva consciência de, realidades que estão escondidas de outra forma. Acima de tudo, esta realidade oculta é a presença de Deus, experimentada pelos cristãos, quer através da Escritura, dos sacramentos e do mundo da natureza, ou de uma forma mais imediata e direta, sem a aparente necessidade de tais intermediários<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Trechos significativos em <https://onlinebooks.library.upenn.edu/webbin/gutbook/lookup?num=4664>, acesso fev. 2022.

<sup>4</sup> No original: “... we can say that mysticism is the whole set of beliefs and practices arising from a conviction about, and more or less intensive awareness of, realities that are otherwise hidden. Above all, this hidden reality is the God’s presence, experienced by Christians either in and through Scripture, the sacraments, and the world of nature, or in a more immediate and direct way without the apparent need for such intermediaries” (CDC, 2010, p. 849-851).

Escolhemos esta definição por nos parecer a descrição daquilo que, ao longo de nossos estudos, reflete, ponto por ponto, a experiência de vida de Helder Pessoa Camara. Cabe-nos ressaltar que há uma vasta documentação produzida por ele, que está conservada e foi analisada por algum de nós, isoladamente ou como equipe, em outros contextos. É seguro, portanto, dizer que ele tinha uma rara consciência histórica de si e de que aquilo que produzia era um documento com potencial valor histórico, como veremos a seguir.

### 3. OS MANUSCRITOS DE FORTALEZA

Nossa análise retorna, então, a um específico documento, o mais antigo manuscrito já encontrado até hoje, cuja autoria pode ser, com segurança, atribuída ao jovem sacerdote Helder Camara. “A escolha de Deus”, como ele mesmo o intitulou e datou, foi escrito na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, no dia 23 de março de 1943. Esse manuscrito pertence hoje ao acervo do chamado “Seminário da Prainha”<sup>5</sup>, instituição formadora, até hoje, dos sacerdotes da arquidiocese, na época dirigida pelos padres lazaristas<sup>6</sup> e na qual ele havia estudado nos anos 1923-31. Esse manuscrito é importante não só por ser um dos três mais antigos, de sua autoria, já recuperados, mas pelas circunstâncias históricas e biográficas em que foi escrito. Na ocasião, ano de 1943, ele já não morava mais em Fortaleza, voltando pela primeira vez à capital do Ceará, de onde havia saído para a então capital federal brasileira, em 1936.

A mesma caderneta que conservou o texto “A escolha de Deus” possui ainda outros dois manuscritos, “Reminiscências do Púlpito” e “Declarações Testamentárias”, também datados do mesmo mês e ano, março de 1943. Juntos, eles perfazem o conjunto mais antigo de documentos já recuperados. O papel, como se pode imaginar, já está gasto e as folhas amareladas pelo tempo; o arame que envolve o caderno (típico caderno escolar) apresenta traços de ferrugem, mas nada disso impede a

---

<sup>5</sup> Ele foi transcrito, originalmente, com autorização do Pe. Leonard Martin, C.SsR., então diretor do Complexo da Prainha, pelo Dr. Luiz Carlos Luz Marques, quando permaneceu em Fortaleza, hóspede dos Redentoristas da então Vice Província, quando de suas pesquisas para o seu doutorado, em 1996-97. Posteriormente, a Dra. Lucy Pina Neta, pesquisando outros arquivos na Arquidiocese, em 2016, conseguiu, de padre Almir, então reitor, as imagens digitalizadas para serem anexadas à Causa de Beatificação.

<sup>6</sup> Da *Congregação das Missões*, também conhecidos, no sul do Brasil, como Vicentinos.

leitura clara dos textos. Outro detalhe que chama a atenção para a caderneta, além do seu conteúdo, é o que está escrito em sua capa: “Alba Frota (Albinha)”.

Vale uma informação ao leitor: este artigo procura ser um primeiro esforço no sentido de se estudar a fundo esses documentos; pretendemos retomar esta análise em um futuro número de *Paralellus*, para o qual nos comprometemos a apresentar detalhadamente, ponto a ponto, cada um dos outros dois manuscritos e como eles apontam indícios daquilo que podemos já agora afirmar trata-se de um caminho para a compreensão da relação de Dom Helder Camara com Deus, ou minimamente, do que ele deixou registrado sob a forma de texto, dessa extraordinária relação.

#### **4. APLICAÇÃO DO PARADIGMA INDICIÁRIO**

Logo de início, nos perguntamos: por que ele escreveu para Alba Frota? Quem era esta Alba Frota e qual sua relação de proximidade com ele? Ou será que ele, simplesmente, aproveitou um caderno em cuja capa já havia escrito, por outros motivos, o nome dela e então escreveu lá esses textos?

Aqui está o paradigma indiciário, na sua mais genuína essência: poderíamos simplesmente afirmar que a caderneta foi endereçada a Alba, sem maiores explicações, mas não é esse o caso aqui, e veremos por quê. Outra pergunta que não pôde deixar de ser feita foi: se ele deixou o caderno para a Alba que identificamos como sua amiga, como, quando e por que ele foi parar no Seminário da Prainha? Bem, o que apenas podemos dizer, neste momento, é que tudo que temos são indícios. Os vamos compartilhá-los com vocês.

Primeiro, o que sabemos até agora sobre a relação entre o padre Helder e a educadora Alba de Mesquita Frota é que fizeram parte, desde os anos de 1930, da Liga de Professores Católicos, grupo do qual o padre Helder Camara foi o assistente eclesiástico. A Liga era uma “associação” que integrava as atividades da Ação Católica de Fortaleza e tinha como função orientar as atividades dos professores de acordo com as diretrizes católicas, capacitando-os para integrarem o corpo docente das escolas regidas ou não pela Igreja. Já naquela época se discutia a instalação de uma escola pré-primária; esse foi o ponto de convergência entre as biografias de

ambos. Sabemos ser verdade este fato porque, conforme o manuscrito “Declarações Testamentárias”, Padre Helder escreve:

Antes mesmo do meu sacerdócio interessei-me pelos movimentos sociais e colaborei na organização de um lindo movimento proletário, de espírito perfeitamente cristão: A Legião Cearense do Trabalho. De acordo com os dirigentes da Legião, organizei a Juventude Operária Católica (o jocismo) e a Sindicalização Operária Católica Feminina. Para agir junto aos dirigentes da massa, ajudei a organizar a Liga dos Professores Católicos, do Ceará. Achava-me em plena liça<sup>7</sup> quando surgiu a Ação Integralista Brasileira. Friso este fato porque há uma diferença enorme entre se achar no meio da massa ou entre as quatro paredes de um gabinete (CAMARA, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito Declarações Testamentárias].

É mais provável que, na época, o padre Helder Camara tenha realmente escrito os manuscritos e escolhido Alba de Mesquita Frota para ser a guardiã da caderneta. Supomos isso, ainda de forma preliminar, porque, segundo o que já pesquisamos e analisamos, Alba tinha as mesmas características das mulheres que, décadas sucessivas, viriam a ser escolhidas como guardiãs de seus inúmeros manuscritos. Cito nominalmente aqui: Virgínia Côrtes de Lacerda (Rio de Janeiro, RJ, anos 40-50), Cecília Goulart Monteiro (RJ, anos 50-70), Maria Luiza Jardim Amarante (RJ, anos 50-90), Maria José Dupperon Cavalcanti (Recife, a partir de 64). Todas elas, sem exceção, eram mulheres leigas, católicas, dedicadas ao serviço da Igreja – de alguma forma, mas não pertencentes a uma ordem ou congregação –, intelectuais e trabalhadoras. É curioso pensar que um sacerdote, formado no modelo tridentino, tenha escolhido mulheres para se “confessar” ou, pelo menos, para serem as guardiãs de seus manuscritos (Pina Neta 1, 2019). Na biografia a que tivemos acesso, de Alba Frota, ela é descrita assim

A sua origem familiar, sua formação educativa toda realizada em uma renomada escola religiosa, bem como a sua relação com a elite religiosa, intelectual, política e econômica cearense, proporcionou à Alba Frota certa proeminência entre as demais professoras de sua época, o que lhe retornava em forma de prestígio em vários espaços sociais possibilitando-a empreender contribuições relevantes para a implantação e o desenvolvimento da educação pré-escolar no estado do Ceará (Stascxak, 2021, p. 19).

---

<sup>7</sup> Liça, em sentido figurado significa “Lugar onde se debatem questões importantes”. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [on-line], 2008-2013 [consultado em 04 abr.2019].



Alba, assim como as demais mulheres que citamos compartilhavam, em primeiro lugar, o mesmo modelo de formação religiosa, associada à experiência intelectual e profissional. Neste sentido é seguro afirmar que ela seria capaz de entender o valor pessoal e religioso daqueles documentos. Documentos que, em uma primeira análise, identificamos como sendo daqueles que podiam apontar um caminho para se entender o misticismo em Dom Helder Camara. Neles

Dom Helder escreve as memórias, não só dos anos em que viveu no Ceará, mas, ocupa-se, longamente, em explicar fatos importantes, que lhe deram notoriedade eclesiástica e social, de sua passagem pelo integralismo e de sua vida como Secretário de Educação do Ceará, além de explicar a sua transferência para o Rio de Janeiro (Pina Neta 2, 2019, p. 118).

Para além de seu caráter de recordação pessoal, os três textos são claramente textos escritos para um interlocutor divino.

Qual o valor desses documentos para nossa argumentação? Eles podem apontar um caminho privilegiado para se entender o misticismo em Dom Helder Camara?

Centraremos nossos esforços na leitura analítica de “A escolha de Deus”, escrito e dividido em cinco partes: “Farei declaração em cartório”, “Fazes de conta que somos necessários”, “Será comodismo?”, “Quem foi mais longe” e “Que talvez me peças”. Padre Helder começa o texto explicando como Deus o tirou do “nada”, por duas vezes: a primeira quando “o chamou à vida” e, depois, quando o fez sacerdote.

Enche o teu ministério! Mas enchê-lo como Senhor? Tenho vontade de dizer-te da minha parte: Tu, também, deves encher teu ministério. O verdadeiro padre és tu. Sou teu representante e já não é pouco (Camara, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito A Escolha de Deus].

Na seção seguinte, há uma descrição detalhada daquilo que ele mesmo reconhece ser um “problema” de sua personalidade, a vaidade, o orgulho “Tu te recordas das minhas crises de desalento ao sentir-me inútil?” (Camara, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito A Escolha de Deus]. No texto ele detalha sua impressão do que foi a sua transferência para o Rio de Janeiro,

E tu me encaminhastes, Senhor, para a água parada de um lugar anônimo, que nem encargo eclesiástico chegava a ser. Senti o vazio

em torno de mim. Um amigo, que me vira em plena agitação do início do meu sacerdócio, chegou a afirmar, de modo rude, que eu estava me prostituindo... (CAMARA, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito A Escolha de Deus].

Cabe aqui uma inserção sobre as circunstâncias da transferência do padre Helder Camara, de Fortaleza, CE, para o Rio de Janeiro, RJ, em 1936. Uma das razões apontadas é a de que enquanto esteve como Secretário de Educação do Ceará, padre Helder teve divergências com o Governador Francisco de Menezes de Pimentel, para quem tinha militado a favor nas eleições e o que tinha nomeado Secretário. A indisposição teria levado o religioso a colocar o cargo à disposição do Governador e isso teria causado um mal-estar com o Arcebispo de Fortaleza, Mons. Manoel da Silva Gomes. Esse fato teria sido o estopim para a transferência do padre. Mais adiante ainda no mesmo texto, padre Helder escreve:

Quando uma criancinha quer por força escrever, a mãe lhe apanha muitas vezes a mão[,] e mãe e filho, vão os dois juntos fazendo um bilhete para o pai distante. Os dois, não – a mãe. O filho tem a doce ilusão de haver escrito também. Tu falas pelos meus lábios, escutas por meus ouvidos, escreves por minhas mãos, andas por meus pés e eu tenho a ilusão de haver andado, escrito, ouvido, falado, agido... Quanto mais eu me apagar e me unir a ti, quanto mais eu desaparecer para que me enchas e me domines de modo total, mais útil poderei ser (CAMARA, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito A Escolha de Deus].

A bela imagem que o jovem sacerdote encontra para exprimir a ação poderosa de Deus dentro de si, como algo que lhe produz a ilusão de conduzir por si, de falar por si, de escrever por si, quando na verdade é Deus que conduz, fala e escreve por ele, permite-nos vislumbrar em um Helder Camara, desde muito jovem, a percepção desta realidade oculta que é a presença do divino. Presença que, segundo os místicos e entre eles, Helder Camara, pode ser experimentada por todos nós seres humanos e que, se somos cristãos, é experimentada como presença do Deus da Bíblia, que se manifesta na leitura orante dessa, nos sacramentos, especialmente o da Eucaristia e no mundo da natureza.

Avancemos na análise, trazendo outros trechos do mesmo manuscrito em que padre Helder rememora a dificuldade de superar as difamações que já, naquela época, circundavam seu nome:

Aceitar a possível difamação também não foi fácil. Só a tua graça me levou a dizer sim quando me perguntastes se eu aceitava passar por

hipócrita e por mau, se eu consentia na incompreensão completa de minhas mais puras intenções (CAMARA, 1943, p. 1) [Transcrição do manuscrito Declarações Testamentárias].

Retomando um trecho da definição de misticismo que norteou nossa análise até aqui cabe dizer que a leitura e a rememoração biográfica feita pelo padre Helder Camara naquele momento são escritas como uma experiência de encontro com Deus. A todo momento, em todo o texto, além do fato dele ter como interlocutor Deus, ele faz referência à sua interferência e intercessão em momentos chave de sua vida. Sua entrega e, aparente, abnegação são traços que, olhando a longa trajetória de sua vida, vão se consolidando, moldando.

“Declarações testamentárias” é um manuscrito rico para se começar a traçar esses traços da relação que Dom Helder Camara estabeleceu com Deus, se considerarmos que esse tipo de texto traz aquilo que se pode chamar de profundo exame de consciência. Sabe-se que desde os tempos de formação no Seminário da Prainha, o seminarista Helder Camara adquiriu o hábito de fazer vigílias, ou seja, de dedicar um tempo para aquilo que chamava de “refazer sua unidade com Deus”.

Apesar de sabermos desse fato por menções que o próprio religioso tantas vezes recordou ao longo da vida, destas vigílias não se conservou documentos desses períodos. O que se tem de um período muito posterior, já do tempo em que viveu no Rio de Janeiro, são as Meditações escritas durante esses períodos de vigília, mas mesmo elas são muito posteriores à data do manuscrito que analisamos aqui.

A vida espiritual de Dom Helder Camara é um capítulo à parte de sua biografia: ela desperta interesse e admiração, sobretudo, porque, a todo momento de sua atuação, ele invoca a “providência divina” como sendo capaz de guiá-la, refreá-la ou modificá-la. Em “A escolha de Deus”, para além do que citamos e dissemos, sobretudo por seu caráter de recordação e suas tantas referências à ação de Deus, é o que nos permite afirmar que ele foi um místico.

Pode-se ainda afirmar que os traços dessa relação Deus-Helder Camara foram sendo “aprimorados” e que, em documentos muito posteriores como os escritos que ele chamava Regras de Vida, das décadas seguintes, “Roteiro de vida Cristã”, escrito e datada de “Rio, 3 a 7. 2.1951”, em duas cadernetas, “Caderno 1 e Caderno 2” e, na “Regra do Apostolado Oculto”, cuja data não conseguimos precisar, essa relação com Deus deixa de ter um caráter pessoal e passar a ser expandida para aquele pequeno grupo com quem partilhava suas anotações e

inquietações. Esses manuscritos estão transcritos em sua íntegra na tese da autora, mas ainda não foram detalhadamente analisados.

Outro conjunto de documentos que apontam para um estudo da mística de Dom Helder surgiu nas últimas décadas, pela revelação de estudo de todos os seus escritos, desde os destaques que fez em seu primeiro livro de salmos, no início de sua formação no Seminário da Prainha, em Fortaleza<sup>8</sup>, às tantas e significativas anotações que fez – muitas vezes em diálogo com a intelectual e professora Virgínia Cortes de Lacerda – às margens dos livros de suas três bibliotecas, das “meditações” que escreveu usando os “suportes” mais improváveis, dos textos que preparou, com orientações para a vida e, finalmente, em sua longa e articulada correspondência com as “famílias” que se constituíram em torno dele, a partir dos anos 40 do século XX<sup>9</sup>.

É possível afirmar que, em função de sua crescente consciência, do Deus Uno e Trino em sua vida, Dom Camara passou a dedicar cada vez mais tempo de suas 24 horas – com certeza a partir da sua ordenação em 1931 –, à meditação, ao mergulho em Deus, de forma imediata e direta, sem a aparente necessidade de intermediários, dedicando em média 3 horas, das 2 às 5 da manhã ao que ele chamava de “vigílias”, compromisso que conservou até seus últimos momentos de lucidez e saúde. Dessas meditações nasceram, em primeiro lugar, suas “conversões”, depois seus escritos e, enfim, sua lucidez e coragem diante dos desafios da Igreja católica colocada diante de um mundo em acelerada mudança e crescente empobrecimento.

## 5. REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Uma primeira conclusão: é desta sua mística pessoal, sua contemplação diuturna, discreta, escondida, do mistério, que nasce aquilo que hoje tantos definem como seu profetismo, o lado público de sua ação nas tantas tarefas que assumiu.

Helder Pessoa Camara, nascido no início e falecido no final do século XX foi um homem que refletiu o seu tempo, seja na sua formação, dentro de um modelo de Igreja

---

<sup>8</sup> Esse “é o livro, com marcações, mais antigo, segundo o ano de sua publicação, a compor o conjunto das bibliotecas pessoais de Helder Camara”, segundo Lucy Pina Neta (2013, p. 46). Ela acrescenta, “É provável que o tenha recebido antes de ingressar no seminário”. Nele são claros os versículos de Salmos que exaltam a pobreza, sublinhados com lápis escolar vermelho.

<sup>9</sup> Remetemos o/a leitora interessada às publicações das Obras Completas, tanto às centenas cartas circulares ali transcritas e anotadas quanto aos prefácios e introduções de cada volume. Sobre as bibliotecas de Helder Camara são imprescindíveis as leituras dos trabalhos de Lucy da Silva Pina Neta, colocadas nas Referências.

Tridentina, seja na experiência como sacerdote (desde 1931), bispo (1952-55) e arcebispo auxiliar no Rio de Janeiro (1955-64) e arcebispo metropolitano em Olinda e Recife (1964-85), atuando em três estados do Brasil (Ceará, Rio de Janeiro e Pernambuco), seja a partir da análise de sua atuação como homem público.

Demonstrou através de suas atitudes e, sobretudo do farto acervo documental que produziu e conservou, que suas reais aspirações foram tornar-se santo, como reflexo mais sincero de sua formação. Não à mera glória dos altares, mas à santidade como experiência mais íntima e verdadeira com Deus e, em oposição clara à vida de fora do espaço da Igreja. É fato que a história lhe foi generosa, permitindo ao religioso cearense viver de forma ativa e, até decisiva em momentos-chaves que impactaram e ainda reverberam na história recente do mundo, do Brasil e da Igreja.

No caso de Dom Helder, primeiro, ele de fato viveu uma experiência mística com Deus. Sua conexão com o divino é genuína e profunda, conforme se percebe na leitura de tudo quanto escreveu e viveu. Ele cultivou essa experiência desde sua mais tenra idade até o último momento de sua vida. E ainda assim, jamais se reconheceu um profeta, o que é uma distinção importante quando se olha para a história dos profetas que servem de modelo para tantas reconstruções de sua vida, todos eles, cientes de sua missão, se reconhecem como anunciadores das palavras ou instruções ou mensagens de Deus. Outro aspecto observado em Dom Helder, que poderia ser interpretado como “atuação genuína de um Profeta” está relacionado ao conteúdo de algumas de suas mensagens, à escolha de termos generalizantes e à preferência pelo uso de termos amplos, porém, até mesmo nesse ponto é preciso ter consciência de que Dom Helder não atribui a Deus as palavras proferidas por ele.

Sua experiência mística, cuidadosamente cultivada ao longo de sua vida, uniu-se a uma capacidade singular de comunicar mensagens universais e humanizantes, mesmo evitando atribuir a Deus as palavras que proferia. Essa postura reforça a complexidade de sua espiritualidade, que alia contemplação e ação, mantendo sua relevância na história da Igreja e na espiritualidade contemporânea.

## REFERÊNCIAS

CAMARA, Helder Pessoa. [Manuscrito]. **A Escolha de Deus**. Fortaleza, 23 de março de 1943. Caderneta sem catálogo.

CAMARA, Helder Pessoa. [Manuscrito]. **Declarações Testamentárias**. Fortaleza, 23 de março de 1943. Caderneta sem catálogo.

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [on-line], 2008-2013.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

INGE, William Ralph. **Christian Mysticism**. Oxford, GB: 1899.

INGE, William Ralph. **Light, Life and Love**. Oxford, GB: 2022.

PINA NETA, Lucy da Silva. **Helder Pessoa Camara: elementos de seu perfil intelectual a partir de suas bibliotecas**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.

PINA NETA, Lucy da Silva. **O Dom da leitura: Helder Camara e suas bibliotecas**. 2. ed. São Paulo: Paulinas/ UNICAP, 2019.

PINA NETA, Lucy da Silva. **Ressignificar para manter-se fiel: Mons. Helder Camara e o exercício do seu ministério sacerdotal (1955-1965)**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião – Universidade Católica de Pernambuco).

SILVA, Cícero Williams da. **Dom Helder Camara e a Sinfonia de Dois Mundos**. Recife: Ed. Bagaço, 2018.

STASCXAK, Francinalda Machado. **Biografia da educadora Alba de Mesquita Frota e sua atuação na cidade da criança (1937-1954)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação - Universidade Estadual do Ceará).

**The Cambridge Dictionary of Christianity**, edited by Daniel Patte. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 849-851.